Michael Ruehle, filho de proprietários de Sun Valley Gardens, relembra sua infância em um acampamento naturista de 25 acres

Meus pais se mudaram de Toronto para Fenwick por volta de 1955-56 para operar um campo de nudismo - um pouco incomum naquela época, eu acho, mas meu pai tinha esse plano desde sua juventude na Alemanha, onde já era uma ideia bastante popular. Ele descobriu que um pequeno grupo de pessoas de Fonthill, St. Catharines e Toronto começou a se reunir em algum terreno em Roland Road, e meus pais adquiriram a propriedade, creio eu em 1955. Eles a chamaram de Sun Valley Gardens e começaram para fazer melhorias significativas.

No auge, do início dos anos 60 a meados dos anos 70, havia cerca de 500 membros adultos e foi um dos maiores clubes de nudismo da América do Norte, com membros vindos de Toronto, Montreal, Boston e Cleveland - até mesmo visitantes sazonais anuais de Los Angeles e Flórida. Era tão conhecido que certa vez recebemos uma carta enviada da África Ocidental com o seguinte endereço: "Sun Valley Gardens, Canadá". O correio em Montreal marcou "tente Toronto", Toronto marcou "perto de St. Catharines" e, claro, St. Catharines sabia para onde enviá-lo.

Nasci em 1957 e morei na propriedade em tempo integral até partir para Toronto. Uma infância interessante, eu diria.

Eu frequentei a Escola Law para a 1ª e 2ª séries, e então Hansler, South Pelham, Pelham Center, escola pública sênior em Fonthill, Pelham High (até que fechou quando eu estava na 11ª série), me formei na EL Crossley em 1976, depois mudei para Toronto para a universidade.

Eu mantinha um chalé na propriedade e ficava lá intermitentemente até cerca de 2007, quando a propriedade foi vendida, logo depois que meu pai, Karl, faleceu em 2006. Minha mãe, Marlies, faleceu no ano passado, em maio. (Estou escrevendo em 26 de dezembro de 2020, que seria o 89º aniversário dela.)

Desde o início, em vez de ser reservado, meu pai escolheu o caminho oposto. Ele fez questão de anunciar em um fim de semana de "casa aberta" para que todos os vizinhos, políticos locais e a mídia pudessem vir e ver o lugar.

Ele fez isso duas vezes. Na primeira vez, os membros que optaram por estar lá naquele fim de semana permaneceram totalmente vestidos para evitar qualquer risco de reação exagerada da polícia. No evento correu muito bem e cerca de 2.000 pessoas visitaram o local. As pessoas perceberam que não era um clube de sexo selvagem nem nada, e a imprensa geralmente era elogiosa.

Na segunda vez, ele fez com que todos assinassem um termo de responsabilidade na entrada, avisando que haveria nudez. Ambos os eventos foram muito bem-sucedidos e significaram que, em vez de ser assediado, o local foi rapidamente aceito pelas autoridades. Na verdade, como resultado direto, havia um núcleo de membros que eram moradores de Pelham, Welland e St. Catharines, a maioria dos quais manteve o silêncio um pouco. Meu pai também era muito astuto sobre o valor da cobertura positiva da mídia e deu as boas-vindas aos entrevistadores visitantes da CHCH-TV, da CBC em várias ocasiões (notadamente a entrevista de June Callwood) e de algumas das estações de Buffalo. Eu diria que nossa associação foi dividida igualmente entre canadenses e americanos da área de Niagara Falls, Buffalo e Rochester.

Conhecido como um "primeiro" no ramo jornalístico, o anúncio de primeira página do Sun Valley Gardens aparece nesta edição de 28 de junho de 1967 de um jornal local.

As pessoas perceberam que não era um clube de sexo selvagem nem nada, e a imprensa geralmente elogiava

Na época em que Sun Valley Gardens estava em plena atividade como um campo de nudistas, a Polícia Regional de Niágara costumava visitá-los de vez em quando. Meu pai se dava muito bem com eles, o que significava que poderia contar com ajuda se houvesse algum jovem intrometido (vocês sabem quem vocês eram) tentando entrar furtivamente na propriedade para dar uma olhada. Sempre que um novo oficial era contratado, fazia parte do trote retirá-lo, sem aviso prévio, para o acampamento. Geralmente, o cara mais velho dizia que era "para conhecer melhor as partes rurais do Niágara". Em algum momento, o oficial sênior diria: "Vamos tomar um café", e o oficial subalterno, é claro, se perguntaria onde havia café, no meio do nada. Então, eles saíram de Roland Road até o portão da frente, tocaram a campainha e falaram com meu pai, que os chamou. O oficial subalterno ainda não sabia, porque a placa "Sun Valley Gardens" é ambígua. Eles iriam dirigir pela longa estrada curva e, quando chegassem à área de estacionamento perto da sede do clube, os olhos do jovem iriam se arregalar porque, é claro, pessoas nuas estavam andando por aí!

Meu pai os encontrava em seu carro em suas famosas "botas de borracha e nada mais" e os escoltava até a lanchonete ao lado da área da piscina, onde os policiais se sentavam e

conversavam com meus pais e algumas das outras pessoas enquanto tomando seu café e comendo um pedaço de bolo.

Meu pai incentivava essas visitas, é claro, porque (a) significava que a polícia estava aceitando coisas nudistas e sabia em primeira mão que não havia nada estranho acontecendo (ok, nu é estranho para a maioria de vocês, mas nada realmente estranho) e (b) se houvesse uma emergência, todos sabiam como chegar lá rapidamente.

Muitas pessoas se perguntam como as pessoas se tornaram nudistas e se juntaram ao clube. Naquela época, bem antes das mídias sociais, meu pai fazia anúncios mais ou menos específicos, dependendo de onde eram veiculados. Alguns estariam em várias revistas de nudismo da época e basicamente diriam: "Venha visitar Sun Valley Gardens, o melhor acampamento de nudismo perto de Toronto e no interior do estado de Nova York".

Ele também publicou anúncios em alguns dos jornais regionais (nem todos permitiam), que seriam um pouco mais discretos: “Desfrute de um estilo de vida despreocupado em Sun Valley, o melhor acampamento naturista voltado para a família do Canadá”. Haveria um endereço e “Visitantes somente com hora marcada”. A maioria das pessoas escreveria pedindo mais informações e receberia os muitos folhetos que tínhamos em mãos. Os visitantes chegavam ao portão, tocavam a campainha, falavam com meu pai e podiam entrar.

Claro, normalmente a metade do casal sugerindo tentar o nudismo seria o marido, e muitas vezes a esposa era um pouco mais reticente - pelo menos naquela época - então certamente foi um pouco chocante para esses caras serem cumprimentados no estacionamento do clube perto do meu pai, com suas botas de borracha e nada mais, com as partes geralmente não visíveis no nível dos olhos através da janela do carro.

Os visitantes seriam apresentados a um local para estacionar e seriam convidados a percorrer o terreno, inicialmente vestidos. Eles caminhariam pela calçada em direção ao vale, onde a piscina, a lanchonete e outras instalações estavam localizadas, provavelmente sendo saudados por outros membros (trocadilho) enquanto passavam. Em um fim de semana, geralmente havia algumas pessoas lá, e quando os visitantes chegavam ao vale onde ficava a grande área aberta, eles estavam: tomando sol, nadando, jogando cartas ou cribbage, vôlei ou badminton - adultos e crianças.

O que acontecia com frequência a essa altura era que o marido ficava um pouco desapontado com o fato de o lugar não estar cheio de modelos da Playboy, mas de pessoas mais parecidas com o típico cliente do Walmart, se estivessem nus. Por outro

lado, a esposa deixaria de se preocupar se sua aparência combinaria e perceberia que essas pessoas simplesmente se sentiam confortáveis em sua própria pele.

Depois de fazer um tour por toda a propriedade - a área da casa de campo, o acampamento, a área do trailer e o prédio do clube - meu pai os convidava para passar o resto do dia, mas explicou que agora eles teriam que estar nus também. Era muito raro que as pessoas saíssem. Eles se trocavam no carro, pegavam uma toalha (todos os nudistas levam uma toalha para se sentar) e voltavam ao vale para se encontrar com outros membros, nadar ou se sentar na lanchonete para conversar com minha mãe. E então eles decidiriam se tornariam membros anuais ou viriam ocasionalmente e pagariam a taxa diária ou de fim de semana.

O mais estranho para mim foi quando fui para a escola e tive que entender que era esperado que as pessoas sempre usassem roupas

Naquela época, geralmente não era permitido que um único homem viesse sozinho. Isso era para afastar qualquer tipo de atmosfera de "bar de solteiros". Havia algumas exceções: um sujeito de Toronto vinha vindo desde antes de meus pais comprarem o lugar, então ele foi um avô e foi um membro até os 90 anos. E houve alguns outros ao longo dos anos. Alguns eram homens que tinham vindo originalmente com as namoradas e, quando se separaram, eles ou às vezes a namorada podiam continuar frequentando. Mais tarde, no final dos anos 70 e início dos anos 80, tudo isso se afrouxou um pouco.

O autor no 10º ano de 1973. FAMÍLIA DE RUEHLE

No final dos anos 60, algumas famílias até moravam lá em tempo integral, mas a maioria eram visitantes de fim de semana, se locais, ou ficavam para férias de duas ou três semanas no verão, com muitas famílias voltando por dez anos ou mais, com locais de trailer permanentes ou chalés somente no verão. Às vezes, os filhos se tornavam membros por conta própria quando cresciam, muitos dos quais eu ainda conheço. O lugar sempre foi muito bem representado com crianças de todas as idades, embora muitas vezes houvesse uma fase estranha na puberdade, quando algumas crianças paravam de vir com os pais por um tempo, ou até mesmo paravam de frequentar. Mas principalmente as crianças passaram por essa experiência também. Quero dizer, certamente não havia segredos sobre o que estava acontecendo com seus corpos - eles podiam ver a versão adulta ao seu redor. O fato de ninguém dar grande importância a eles era, eu acho, uma coisa muito saudável para sua autoimagem.

Muitas vezes sou questionado por amigos quando descobrem como eu cresci: "Como foi isso?"

Bem, parecia perfeitamente normal, para ser honesto. O mais estranho para mim foi quando fui para a escola e tive que entender que era de se esperar que as pessoas sempre usassem roupas, mesmo com bom tempo. Pareceu um pouco ridículo, mas foi aí que aprendi que as normas culturais são todas relativas.

Nunca escondíamos onde morávamos, então era assunto de muita curiosidade entre as outras crianças. Mas a maioria dos meus amigos, homens ou mulheres, tinha permissão para vir me visitar - outro benefício da política de "casa aberta", porque seus pais presumivelmente tinham me visitado. Eu também tinha outro grande grupo de amigos em Sun Valley Gardens, que ficava lá nos fins de semana ou por duas ou três semanas seguidas, e eu os via todos os verões.

Também me perguntam: "Você tem que ficar nu o tempo todo?"

Não, é apenas esperado que, se o tempo permitir, você não ande vestido quando todo mundo não está. Chovendo ou com frio? Use algo à prova d'água ou um suéter se estiver com frio. Mulheres menstruadas? Eles usariam uma parte inferior do biquíni ou shorts. Mas, caso contrário, você escolheria naturalmente ficar nu.

Então, por fim, algumas correções, ou pelo menos uma perspectiva alternativa. Um livro frequentemente citado sobre nudismo em Ontário, Au Naturel: The History of Nudism in Canada, perpetua algumas críticas bastante severas ao meu pai. Eu sou o primeiro a admitir que ele era um mesquinho obstinado e tinha um temperamento forte. As pessoas pensaram que ele poderia ser ditatorial às vezes (eu também), mas o livro parece confiar demais nas declarações de algumas pessoas que deixaram Sun Valley Gardens em más condições, e é claro que há dois lados.

Sim, ele era muito rígido, em parte porque sabia que se alguma coisa ruim acontecesse ali, as autoridades locais parariam de ser tão amigáveis. E ele não gostava de coisas como jogar lixo ou ter membros descalços no cocô de cachorro de alguém (o que acabou levando à proibição de cachorros, porque as pessoas não mantinham seus cachorros controlados).

Foi dito no livro que ele não permitiu que as pessoas reorganizassem a mobília ao ar livre. Nem um pouco verdade - o que ele não gostou foi ser arrastado da área do vale público para um acampamento pessoal, ou reorganizado e deixado em algum lugar para ele se colocar de volta mais tarde. E nunca o vi limitar a prática de qualquer esporte. Ele não tinha interesse em impor qualquer tipo de cronograma de atividades para os outros. Talvez alguém estivesse monopolizando o campo de ferradura ou shuffleboard o dia todo e ele pediu que eles disponibilizassem para outras pessoas?

Eu sei que nos divertimos muito: fogueiras enormes, cantores em fogueira, assados de porco e cordeiro no estilo luau, Halloween e outros desfiles improvisados, festas dançantes com DJs e caça ao tesouro para as crianças.

Uma das principais fontes de discórdia era o álcool. O álcool era uma implicância para o meu pai e, embora ele não fosse anti-álcool, ele estava principalmente preocupado com o fato de que apenas uma situação ruim devido ao excesso de bebida lhe causaria muitos problemas. Só era bem tarde, em meados dos anos 70, eu acho, que ele finalmente começou a permitir que as pessoas bebessem álcool no clube e em outros lugares. Até então, só era permitido em seu próprio acampamento, trailer ou chalé. Portanto, se você discretamente bebesse em sua própria casa, tudo bem, mas festas barulhentas e noturnas o alertariam ou seriam sumariamente expulso. Algumas das pessoas que não podiam tolerar essas regras sobre o álcool começaram seu próprio estilo muito diferente de acampamentos de nudismo, por exemplo, perto de Hamilton.

O foco do livro está em meu pai, mas também devo dizer que minha mãe foi a grande responsável pelo sucesso de Sun Valley Gardens. Ainda encontro ou converso com pessoas que a conheceram e ficaram fortemente impressionadas com sua capacidade de manter tudo funcionando.

Definitivamente, houve um declínio no número de membros a partir de meados dos anos 70, mas isso acontecia com quase todos os acampamentos de nudismo naquela época, muitas vezes porque as pessoas começaram a combinar seu nudismo com ir para o sul de férias (o que não era tão comum antes) ou procurando uma atmosfera mais festiva. Então, eles pararam de frequentar os resorts nudistas em estilo de acampamento. Muitos dos resorts de nudismo seguiram uma rota mais comercial para aumentar a receita, com grandes festas todos os finais de semana, uma ênfase real na venda de bebidas alcoólicas e até eventos abertos ao público julgados por “mulheres nuas” - chamo assim porque é realmente se afastou da filosofia nudista e entrou no marketing da nudez. Esse nunca foi o estilo do meu pai.

O fim da era Sun Valley Gardens realmente chegou quando meus pais se separaram. Meu pai foi deixado para administrar o acampamento, mas estava bem claro que ele não era uma pessoa do povo e confiava na minha mãe para fazer a maior parte disso, então não foi tão bem. E seu coração não estava de qualquer maneira, então ele fechou. Ele ficaria muito triste em ver como o lugar se parece agora, mas ele não teria se comprometido em mantê-lo funcionando também.

Ainda sou nudista hoje?

Michael Ruehle, 2020. CORTESIA DE MICHAEL RUEHLE

No longo prazo, não continuei "sendo um nudista", ou seja, frequentando um acampamento de nudismo Eu já me mudei muito ao redor do mundo e isso simplesmente não é uma prioridade. Eu fui de férias para resorts de nudismo no Caribe e visitei praias de nudismo em minhas viagens. A principal coisa que acho que carrego comigo dessa educação é entender que a nudez em si não é sexual. Toda essa estranheza sobre se alguma parte específica do corpo é visível ou não, ou a ideia de que um homem (ou mulher) "não pode se controlar" se vê muita pele, é simplesmente ridículo para mim. Eu aplaudo que o topless é legal em Ontário, mas também reconheço que ao assediar, cobiçar e chamar as mulheres se elas decidirem fazer topless, os homens estão fazendo com que as mulheres não tirem proveito dessa liberdade legal. (É uma situação em que todos perdem, pessoal! Cuidado.)

Também me fez aceitar uma ampla variedade de formas de vida. Já morei em muitos lugares do mundo, sinto-me confortável com a ideia de que "a maneira como fazemos as coisas aqui" não é "a melhor" e certamente não é a única maneira de viver, e estou inflexível de que as pessoas devem ser capazes de escolher sua forma preferida de viver, desde que não prejudique ou restrinja diretamente as liberdades alheias. Seja gay, hetero, bi, poli, assexuado ou o que for; escolha o seu gênero expresso de acordo com como você se percebe e como se sente confortável com sua pele; pratique qualquer religião que você escolher ou nenhuma, mas não force suas crenças sobre os outros; trate pessoas de todas as raças e culturas igualmente e as valorize.

Isso é mais do que mera “tolerância” - é aceitação afirmativa - e o nudismo (e o multiculturalismo canadense) foi minha porta de entrada.

RELACIONADOS: A história dos Jardins de Sun Valley

Enquanto você estiver aqui ... considere renovar ou assinar um Voice Membership para expressar seu apoio ao jornalismo local.

****

Michael Ruehle, son of Sun Valley Gardens owners, recalls his childhood on 25-acre naturist camp

My parents moved to Fenwick from Toronto in about 1955-56 to operate a nudist camp — a bit unusual in those days I guess, but my father had had this plan since his youth in Germany, where it was already a fairly popular idea. He had found out that a small group of people from Fonthill, St. Catharines, and Toronto had started to gather on some land on Roland Road, and my parents acquired the property, I believe in 1955. They called it Sun Valley Gardens and started to make significant improvements.

At its peak, from the early '60s to the mid-'70s, there were about 500 adult members, and it was one of the largest nudist clubs in North America, with members coming from as far as Toronto, Montreal, Boston, and Cleveland—even annual seasonal visitors from Los Angeles and Florida. It was so well-known that we once received a letter sent from West Africa which was addressed just, "Sun Valley Gardens, Canada." The post office in Montréal marked it "try Toronto," Toronto marked it, "near St. Catharines," and of course, St. Catharines knew where to send it.

I was born in 1957 and lived on the property full time until I left to go to Toronto. An interesting childhood, I would say.

I attended Law's School for Grades 1 and 2, and then Hansler, South Pelham, Pelham Center, senior public school in Fonthill, Pelham High (until it closed when I was in Grade 11), graduated from E. L. Crossley in 1976, then moved to Toronto for university.

I kept a cottage on the property and stayed there off and on until about 2007, when the property was sold, shortly after my father, Karl, passed away in 2006. My mother, Marlies, passed away just last year, in May. (I'm writing this on Dec. 26, 2020, which would have been her 89th birthday.)

From the very beginning, rather than be secretive, my father took the opposite tack. He made a point of advertising an "open house" weekend so all the neighbors, local politicians, and news media could come and see the place.

He did this twice. The first time, any members who chose to be there that weekend remained fully clothed to avoid any risk of overreaction from the police. In the event, it

went really well and some 2000 people toured the place. People realized that it wasn't a wild sex club or anything, and the press was generally complimentary.

The second time, he had everyone sign a waiver at the entrance that they were aware there would be nudity. Both events were very successful and meant that instead of being harassed, the place was quite quickly accepted by the authorities. In fact, as a direct result, there was a core of members who were locals from Pelham, Welland, and St. Catharines, most of whom kept it a bit quiet. My father was also very astute about the value of positive media coverage, and welcomed visiting interviewers from CHCH-TV, the CBC on multiple occasions (notably June Callwood's interview), and from some of the Buffalo stations. I'd say our membership was divided about equally between the Canadians and Americans from the Niagara Falls, Buffalo and Rochester area.

Known as an "earlug" in the newspaper trade, Sun Valley Gardens' front page ad appears in this June 28, 1967 edition of a local paper. VOICE ARCHIVES

People realized that it wasn't a wild sex club or anything, and the press was generally complimentary

Back when Sun Valley Gardens was in full swing as a nudist camp, the Niagara Regional Police used to come visit now and again. My father was on pretty good terms with them, which meant he could count on help if there were any nosy youth (you guys know who you were) trying to sneak onto the property for a peek. Whenever a new officer was hired, it was part of the hazing to take him out, without any heads-up, to the camp. Generally the senior guy would say it was, "to get to know the rural parts of Niagara better." At some point the senior officer would say, "Let's get a coffee," and the junior officer would of course wonder where there was coffee, out in the middle of nowhere. So they'd drive out Roland Road to the front gate, ring the bell and talk to my dad, who'd buzz them in. The junior officer was still unaware, because the "Sun Valley Gardens" sign is ambiguous. They would drive up the long curved driveway and, when they got to the parking area by the clubhouse, the junior guy's eyes would bug out because, of course, naked people were walking around!

My father would meet them at their car in his famous "rubber boots and nothing else," and escort them down to the snack bar beside the pool area, where the police officers would sit and chat with my parents and some of the other folks while drinking their coffee and having a piece of cake.

My father encouraged these visits, of course, because (a) it meant the police were accepting of nudist things and knew firsthand that there was no weird stuff going on (okay, naked is weird for most of you, but nothing really weird) and (b) if there was an emergency they all knew how to get there fast.

Many people wonder about how folks got to be nudists and join the club. In those days, well before social media, my father would run advertisements that were more or less specific, depending on where they ran. Some would be in the various nudist magazines

of the time, and these would basically say, “Come visit Sun Valley Gardens, the best nudist camp near Toronto and upstate New York.”

He also ran ads in some of the regional newspapers (not all permitted it), that would be a bit more discreet: “Enjoy a carefree lifestyle at Sun Valley, Canada’s best family-oriented naturist campground.” There would be an address and “Visitors by appointment only.” Most people would write for more information and be sent the many brochures we had on hand. Visitors would arrive at the gate, ring the bell, talk to my dad, and be let in.

Of course, usually the half of the couple suggesting to try nudism would be the husband, and very often the wife would be a bit more reticent—in those days anyway—so it was certainly a bit of a shock for these fellows to be greeted at the clubhouse parking lot by my father, in his rubber-boots-and-nothing else, with the usually-not-visible parts being at about eye level through the car window.

The visitors would be shown a place to park and be invited to tour the grounds, clothed at first. They would walk down the driveway toward the valley, where the pool, snack bar and other facilities were located, probably being greeted by other members (pun intended) as they went. On a weekend there would usually be quite a few people there, and when the visitors reached the valley where the big open area was there they were: sunning, swimming, playing cards or cribbage, volleyball or badminton—adults and kids.

Now what often happened at about this point was that the husband would be slightly disappointed that the place was not full of Playboy models, but of people rather more like your typical Walmart customer, if they were nude. On the other hand, the wife would stop being worried about whether her looks would match up, and realize that these people were just comfortable in their own skin.

After getting toured around the whole property—the cottage area, the campground and trailer area, and the clubhouse building—my father would invite them to spend the rest of the day, but explained that they would now have to be nude as well. It was pretty rare that people would leave. They would change at their car, take a towel (all nudists keep a towel with them to sit on) and go back to the valley to meet some other members, swim, or sit at the snack bar to chat with my mother. And then they would decide whether to become annual members, or to come occasionally and pay the daily or weekend fee.

The stranger thing for me was when I first went to school and had to understand that it was expected that people always wear clothes

In those days it was generally not permitted for a single man to come alone. This was to head off any kind of “singles bar” atmosphere. There were a few exceptions: one fellow from Toronto had been coming since before my parents bought the place, so he was grandfathered in and was a member until he was in his 90s. And there were a couple of others over the years. Some were men who had originally come with their girlfriends, and when they split up, they or sometimes the girlfriend would be allowed to keep attending. Later on, in the late ‘70s and the early ‘80s, that all loosened up quite a bit.

The author in Grade 10, 1973. RUEHLE FAMILY

By the late ‘60s some families even lived there full time, but most were either weekend visitors if local, or stayed for two- or three-week vacations in the summer, with many families coming back for ten years or more, with semi-permanent trailer locations or summer-only cottages. Sometimes the children became members in their own right when they grew up, many of whom I still know. The place was always very well represented with kids of all ages, although there was often an awkward stage at puberty, when some kids would stop coming with their parents for a little while, or they’d even stop attending altogether. But mostly the kids got through that experience as well. I mean, there were certainly no secrets about what was happening to their bodies—they could see the adult version all around them. The fact that no one made a big deal of it to them was, I think, a very healthy thing for their self-image.

I’m often asked by friends when they discover how I grew up, “What was that like?”

Well, it felt perfectly normal, to be honest. The stranger thing for me was when I first went to school and had to understand that it was expected that people always wear clothes, even in nice weather. Seemed a bit ridiculous, but that’s where I learned that cultural norms are all relative.

We never concealed where we lived, so it was the subject of a lot of curiosity among the other kids. But most of my friends, male or female, were permitted to come visit me — another benefit of the “open house” policy, because their parents had presumably visited. I had another large group of friends at Sun Valley Gardens as well, who would be there either on weekends or for two or three weeks at a time, and I would see them every summer.

I also get asked, “Do you have to be nude all the time?”

No, it’s just expected that if the weather permits, you don’t walk around dressed when everyone else is not. Raining or cold? Wear something waterproof, or a sweater if you’re cold. Women on their period? They’d wear a bikini bottom or shorts. But otherwise you’d just naturally choose to be nude.

So, finally, some corrections, or a least, an alternate perspective. An oft-cited book on nudism in Ontario, Au Naturel: The History of Nudism in Canada, perpetuates some pretty harsh criticisms of my father. I am the first to admit that he was a strong-willed curmudgeon and had a temper. People thought he could be dictatorial at times (me too), but the book seems to rely too heavily on the statements of some folks who left Sun Valley Gardens on bad terms, and there are of course two sides.

Yes, he was pretty strict, partly because he knew if anything bad happened there, the local authorities would stop being so friendly. And he did not appreciate things like littering or having members step barefoot in someone’s dog poop (which ultimately led to a dog ban, because people would not keep their dogs curbed).

It was said in the book that he didn’t allow people to rearrange the outdoor furniture. Not at all true — what he didn’t appreciate was it being dragged away from the public valley area to a personal campsite, or rearranged and left somewhere for him to put back

himself later. And I never saw him limit people playing any of the sports. He had no interest in imposing any kind of activity schedule for others. Maybe someone was hogging the horseshoe pitch or shuffleboard court all day and he asked them to make it available for others?

I do know we had a lot of fun: huge bonfires, campfire sing-alongs, "luau"-style pig roasts and lamb roasts, Halloween and other impromptu parades, dance parties with DJs and treasure hunts for the kids.

One of the main sources of discord was alcohol. Alcohol was a pet peeve for my father, and although he wasn't anti-alcohol as such, he was mainly concerned that just one bad situation due to excess drinking would cause him a lot of trouble. It was only quite late, in the mid-'70s I think, that he finally started to allow people to drink alcohol at the clubhouse and elsewhere. Until then it was only permitted at your own campsite, trailer or cottage. So if you discreetly had a drink in your own place, that was okay, but loud, late-night drinking parties would get you warned, or summarily expelled. Some of the folks who couldn't tolerate these alcohol rules went off to start their own very different style of nudist camps, for example near Hamilton.

The focus of the book is on my father, but I should also say that my mother was very much responsible for the success of Sun Valley Gardens. I still meet or speak with people who knew her and were strongly impressed by her ability to keep everything going.

There was definitely a decline in membership starting in the mid- '70s, but this was true of almost all nudist camps at that time, often because people had started to combine their nudism with going south for a vacation (which wasn't so common before) or looking for a more party-like atmosphere. So they stopped coming to the campground-style nudist resorts. Many of the nudist resorts then went down a more commercial route to increase revenue, with big parties every weekend, a real emphasis on alcohol sales and even open-to-the-public judged "naked women" events — I call it that because it really got away from the nudist philosophy and into marketing nakedness. This was never my father's style.

The end of the Sun Valley Gardens era really came when my parents split up. My father was left to run the camp, but it was pretty clear that he was not a people-person and had relied on my mother to do most of that, so it didn't go so well. And his heart wasn't in it anyway, so he closed it. He would be very sad to see how the place looks now, but he wouldn't have compromised to keep it going either.

Am I still a nudist today?

Michael Ruehle, 2020. COURTESY OF MICHAEL RUEHLE

In the long run, I haven't kept up "being a nudist," i.e., attending a nudist campground. I've moved around the world too much, and it's just not been a priority. I've gone on holidays to nude resorts in the Caribbean, and visited nude beaches on my travels. The main thing I think I carry with me from that upbringing is to understand that nudity per se is not sexual. All this weirdness about whether some particular part of the body is

visible or not, or the idea that a man (or woman) “can’t control themselves” if they see too much skin, is just ludicrous to me. I applaud that toplessness is legal in Ontario, but also recognize that by harassing, ogling and cat-calling women if they do choose to go topless, men are causing women to not take advantage of this legal freedom. (It’s a lose-lose situation, guys! Wise up.)

It has also caused me to be very accepting of a wide range of ways of living. I’ve lived in many places in the world, feel comfortable with the idea that “the way we do things here” is not “the best” and certainly not the only way to live, and I am adamant that people should be able to choose their preferred way to live, as long as it doesn’t directly harm or restrict the freedoms of others. Be gay, straight, bi, poly, asexual or whatever; choose your expressed gender according to how you perceive yourself and how you feel comfortable in your skin; practice any religion you choose or none, but don’t force your beliefs on others; treat people from all races and cultures equally and value them.

This is more than mere “tolerance”—it is affirmative acceptance—and nudism (and Canadian multiculturalism) was my gateway. ?

RELATED: A history of Sun Valley Gardens

While you’re here…consider renewing or taking out a Voice Membership to express your support for local journalism.